



# CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

REQUERIMENTO NÚMERO 475 /17.

AUTOR: Vereador PASTOR RAIMUNDO BEZERRA

## DESPACHO:

À COMISSÃO DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E REDAÇÃO.

Araraquara, 07 JUN. 2017

Presidente

Requeiro, nos termos do **Artigo 211-A**, do **Regimento Interno**, que fique constando nos anais desta Casa de Leis, a matéria publicada na revista "Comércio Indústria e agronegócio", em sua edição nº 143 de junho de 2017, páginas 36 e 37, sob o Título "**Victorinho Barbugli O Nosso Piloto Eterno**".

Dê-se conhecimento desta deliberação ao autor da matéria.

Sala de sessões Plínio de Carvalho, 07 de junho de 2017.

PASTOR RAIMUNDO BEZERRA  
Vereador

Aprovado
Araraquara, 07 AGO. 2017
Presidente

12108 07/06/2017 003972 PROTOCOLO-CÂMARA MUNICIPAL ARARAQUARA

VICTORINHO BARBUGLI

## O nosso piloto eterno



Victorinho Barbugli, em sua Ducati Mark I

O historiador Benedito Salvador Carlos, o Benê, conta que o falecimento de Victorinho Barbugli, aconteceu no momento em que o Moto Clube Araraquara voltava na categoria máxima, para ser expressão nacional no motociclismo.

Texto: Benedito Salvador Carlos  
Fotos: Arquivo Pessoal

Contou-me Nezinho (Evaldo Salerno), que a Yamaha TD2 B chegou em Araraquara em uma noite de verão. Nem bem chegou e já mostrou a que veio. Victorinho Barbugli e ele, ansiosos, foram experimentá-la. Caminharam até a saída da cidade, via Arauto/Cutrale e um de cada vez abriu o acelerador, fizeram o trecho até onde a iluminação alcançava (acesso para Ribeirão Preto). Como já era noite, se serviram da Suzuki 500cc 2 tempos e 2 cilindros de Salerno, para iluminar a pista, já que a Yamaha era um protótipo de corrida e não possuía qualquer iluminação. Salerno, com a Suzuki, acompanhou a

TD2B até a velocidade de 160 km/h, que a mesma atingiu rapidamente em frente à Cutrale e ficou abismado, pois sentira que sobrava motor para a sua oponente. Na sua vez de andar, com Victorinho clareando, se emocionou, sentiu que o sopro da modernidade chegara a nossa cidade e que de novo, bons resultados iriam acontecer.

A equipe do Moto Clube Araraquara (MCA), precisava se modernizar. As Ducati's, Airmach's, Norton's, Zundapp's e Honda Sport já não eram suficientes para voos maiores.

Um mês depois, chegara a hora do "avião" ir pra pista e Victorinho se inscrevera para participar da Copa Centauro de 1973, três provas que eram realizadas no autódromo de Interlagos em três domingos seguidos, alusivas ao aniversário da cidade de São Paulo. Era uma competição de caráter internacional, pois sempre nela compareciam pilotos do Uruguai (Gustavo Cerdeña), do Chile, da Venezuela (Johnny Cecotto/Ferruccio Dalle Fusine), e ainda, um convidado internacional, que Adu Celso, nossa maior expressão no mo-

tociclismo mundial nos anos dourados, trazia para abrilhantar o evento.

Eduardo Luzia, outro grande piloto de Araraquara, com outra Yamaha TD2, inscreveu-se também e assim, tempos modernos realmente se avizinham, naquele instante da história, Salerno, Victorinho, Eduardo Luzia e Olympio Bernardes Ferreira Neto; o que tínhamos de melhor na oportunidade como pilotos, passariam a ter equipamentos em igualdade de condições com os concorrentes.

A primeira corrida de Victorinho com a TD-2 foi maravilhosa, a segunda mais ainda, abismou a concorrência, "chegou chegando" na Centauro, mantendo a tradição de Araraquara, de grandes pilotos. Para um time que já tivera Manolo (Emanuel Toledo Lima), Dario Pires, Adolpho Segnini Neto, Zé Duvilio (José Roberto Tedeschi), Zé Fauto (José Lucas Martinez) e o engenheiro mecânico Murilo Leonardi, o brilho estava reaceso.

Eu, pessoalmente, conhecia Victorinho somente de nome, não tínhamos convivência, no momento que passei



Victorinho Barbugli na Yamaha TD2

a frequentar o grupo, 1972, ele havia dado uma pausa, um recolhimento. Antes pilotara a Ducati, e os bólidos da fábrica italiana haviam se tornado lentos demais diante das Yamaha's, protótipos de produção mundial das motocicletas fabricadas especialmente para as competições. Os mesmos bólidos que disputavam o campeonato mundial, com Giacomo Agostini e Phill Reed, estavam disponíveis para todo mundo, motivo pelo qual os brasileiros Valter "Tucano" Barchi, Denísio Casarini, Paolo Tognocchi, Paulé (Paulo Sauvalagio) e Salvatore Amato disputavam aqui e em Interlagos com Kent Anderson (campeão do mundo) em igualdade de condições, então aquele momento era mesmo de recomeço. Tudo era novo, tudo muito dinâmico e, como na vida de um jovem, tudo se transformava muito rapidamente.

De concreto eu só sabia que meu pai tivera uma revendedora de veículos, a Willys, que era piloto de ponta e que tinha um "Zé do Caixão" (Volkswagen preto customizado de 4 portas). Eu, um menino, um menino sonhador, completamente apaixonado por corridas de motocicletas, assim me tornei próximo e ao mesmo tempo, seu admirador.

Todo o dia alternava meus fins de tarde visitando minhas oficinas favoritas: do Fauto, Adolpho Tedeschi Neto, Waldemar Zago, Dario Pires, Antonio Carlos Selvino, Augusto Speleta, "Seu" Ariranha e do Carlão Lapena (Auto Electro Carlão). Penha também, e muito.

Na Universal Moto Penha, naque-

le período, Victorinho deixara sua TD2 para reparos, ajustes e preparação, elegera Penha seu "manager" e dessa maneira, sempre nos encontrávamos, pena ter sido encontros derradeiros.

A oficina do Penha, na avenida 36, tinha um cenário simples, um torno mecânico, uma bancada com morsa, uma prensa, um quadro de ferramentas, uma escrivaninha, sonhos, futuro e uma grande amizade.

Em nosso último encontro, ele tinha um olhar sério, seu semblante era tenso e seus gestos, eloquentes. Abria os braços, falava alto, andava de um lado para o outro, levava as duas mãos sob o rosto, pisava firme e olhava distante, também tinha sonhos, iguais aos meus. Para mim, tudo era novo, emocionante, envolvente, as coisas se misturavam na minha cabeça, estar ali presente, pilotar também e observar "aquele foguete" em cima do cavalete, o sonho de ser piloto reconhecido, a companhia de meus ídolos e aquele cheiro de autódromo, mistura de óleo Castrol R com gasolina de avião.

A terceira e última corrida pôs fim aos sonhos de uma geração inteira de Araraquara. Victorinho partiu no melhor de sua forma, deixou-nos quando enfrentava com sua nova Yamaha TD2 a elite do Brasil inteiro, assim como Salerno, Neto e Luzia, era um piloto extraordinário, pronto para competir, pronto para vencer, pronto para devolver para o Moto Clube de Araraquara o status de um polo muito forte em competições de duas rodas.

Seu acidente fatal ocorreu na volta de apresentação, fato histórico, pois a direção do Centauro Motor Clube de São Paulo, pela primeira e única vez de sua história, retardou o início de uma prova, esperando que um competidor, que tivera problemas técnicos, chegasse

até a largada, para abrilhantar e confirmar o que já houvera feito nas duas provas anteriores, imaginavam também o nascimento de um novo super campeão, um novo ídolo nacional. Com seu passamento, Araraquara perdeu a oportunidade de uma projeção ainda maior, pois já era certo que, dois meses depois, Victorinho faria parceria com Salerno nas 500 milhas, a prova mais importante do calendário nacional.

Tempos depois, por intermédio de Edivilmo Moraes, a TD continuou em Araraquara, no mesmo lugar, e eu, com 17 anos de idade, um ano mais velho, mais maduro, com a experiência da velocidade da minha Ducati 250cc Mark3, de ter participado em Interlagos da mesma "Centauro", tive a imensa emoção de pilotá-la!

Foi nas estradas de Américo Brasiliense e também da CEESP, sentimento que até hoje me recordo. Todo sem jeito, mistura de medo e ansiedade, fui me soltando, me aconchegando, e então em definitivo, abri também o meu acelerador. Emoção indescritível: 100 km/h em 3 segundos, 215 km/h de velocidade final, enfim, uma memória que guardo, daquele barulho ensandecido, do motor me desafiando e me empurrando pra frente, daquele frio na espinha que estremecia a alma e o encantamento que me persegue, sonho que continuo sonhando sem ao menos ter uma única explicação maior.

Victorinho Barbugli foi sem sombra de dúvida um piloto, um gigante, um nome da nossa história, um jovem precoce, que com seu talento extraordinário escreveu com brilhantismo seu nome na história do motociclismo nacional.

Zé Duvilio (José Roberto Tedeschi) e Victorinho Barbugli, em corrida realizada nas ruas de Araraquara

